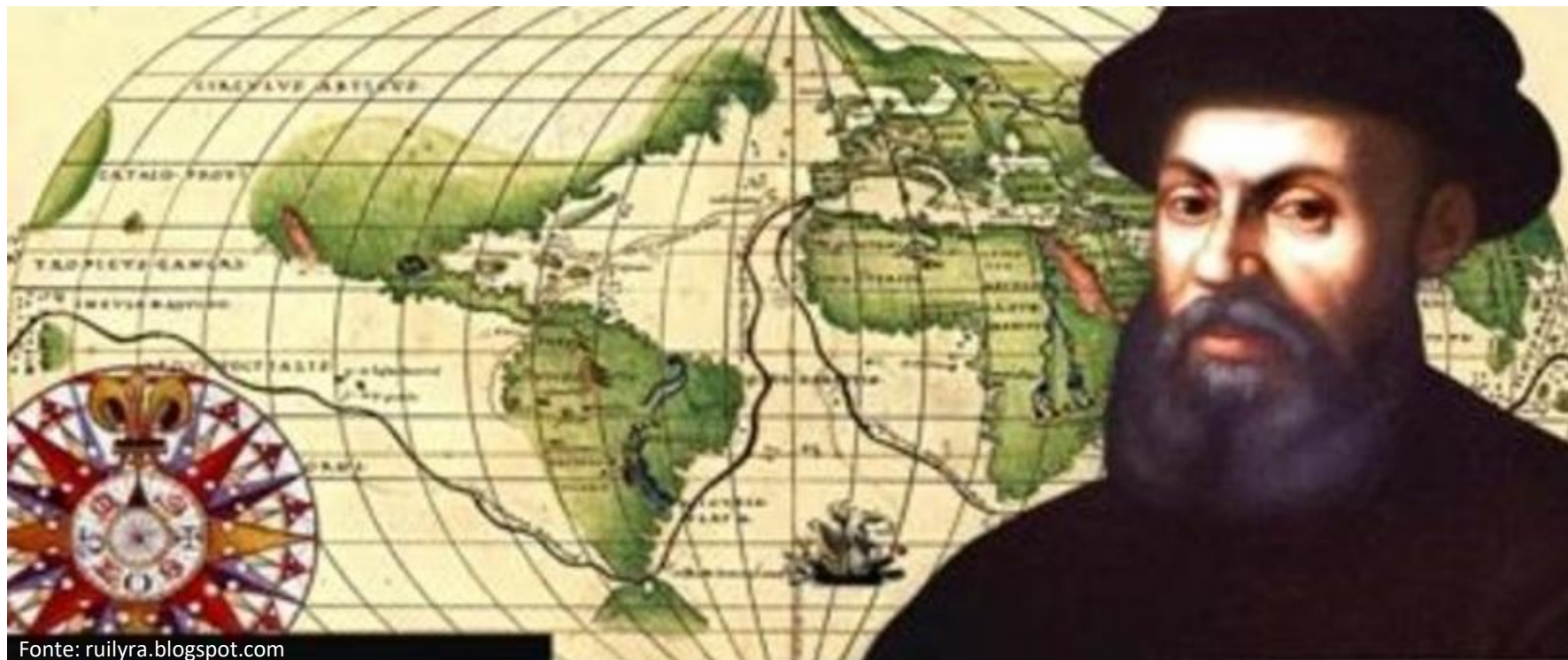




Fonte: ruilyra.blogspot.com

Fernão de Magalhães

Celebrando o V Centenário da Viagem

Luís Arezes



“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

É a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.”

Fernando Pessoa, “O Infante”, in *Mensagem*

Saudação

Esta obra enquadra-se nas comemorações do V centenário da primeira grande viagem de globalização, pensada, organizada e capitaneada por Fernão de Magalhães, primeiro homem global e extraordinário embaixador de Ponte da Barca, onde residem as suas origens.

A universalidade deste homem leva-nos ao lema rotário para o ano de 2019-2020, “O ROTARY CONECTA O MUNDO”, uma inspiração que não poderia ser mais atual.

Rotary Internacional, um movimento com 115 anos, é, também, uma realidade à escala global, destacando-se a este nível pela liderança de projetos como o da erradicação da poliomielite, cegueira evitável, água potável, que fazem com que o Movimento assuma junto da sociedade civil um importante papel no apoio a diferentes desafios.

Falar de Magalhães é falar globalmente e é essa a natureza das causas do Rotary: a sua dimensão global...

É por isso com muito gosto que o Rotary Club de Ponte da Barca se associa ao lançamento deste livro digital, da autoria do companheiro Luís Arezes.

António Sérgio Cabral de Oliveira,
Presidente do Rotary Club de Ponte da Barca



Origens Vida Viagens Legado

“Espero que a fama de capitão tão generoso não se apague nunca mais. Entre as muitas virtudes que possuía, era mais firme e paciente que qualquer outro nas adversidades.”

Antonio Pigafetta



Magalhães foi o artífice heroico daquela que acabaria por ser considerada a primeira viagem de circum-navegação e o primeiro homem a conseguir a proeza de dar a volta ao mundo, tendo em conta também a sua passagem por terras do Oriente, entre 1505 e 1513, ao serviço de Portugal.



Fonte: FERNÃO DE MAGALHÃES – V Centenário da Circum-navegação

Foi o primeiro homem a conseguir unir os oceanos e a provar pela experiência que estes se alargam por uma maior extensão, circundando os continentes. É um dos maiores navegadores de todos os tempos e a sua aventura épica ofereceu à Humanidade uma notável herança científica, cultural, civilizacional. Passados 500 anos, “Magalhães” continua a ser sinónimo de ação, de arrojo, de inovação, de vanguarda, de excelência, de abertura, de interculturalidade, de globalização, de universalidade.

Donde vem *Magalhães*?

A palavra *Magalhães* parece ser de origem celta, do termo *magal*, que significa *grande, grandioso*.

Acontece que o apelido que Fernão de Magalhães espalhou pelo mundo e pelo espaço tem raízes toponímicas, pois a família que deu origem à sua linhagem começou a habitar, na segunda metade do século XIII, a chamada Torre de Magalhães, na freguesia de São Martinho do Paço Vedro de Magalhães, na então Terra da Nóbrega, atual concelho de Ponte da Barca, no norte de Portugal. A partir de então, passou a adotar o sobrenome *de Magalhães*.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a torre acabaria por entrar em ruínas, sendo a sua pedra aproveitada na construção de uma casa brasonada, que ainda existe.



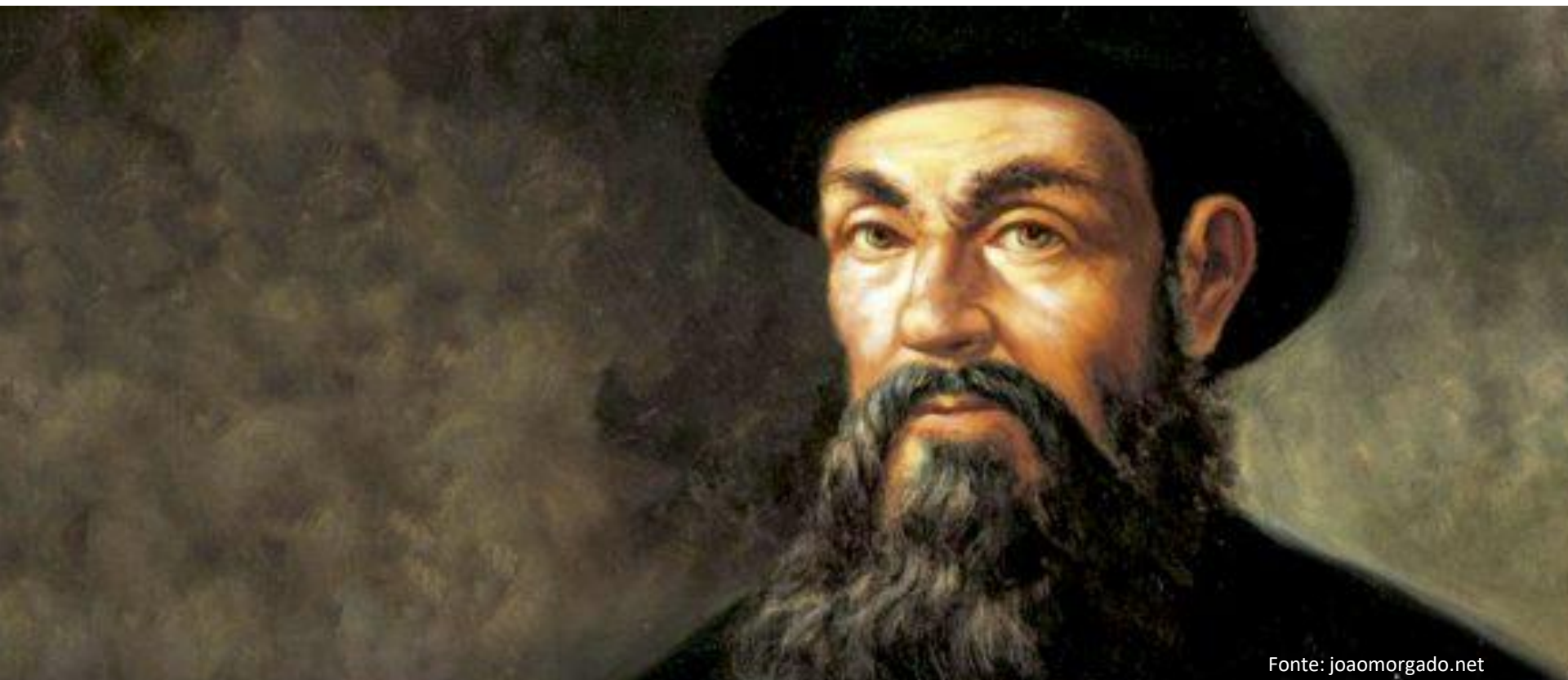
Pelo último quartel do século XV, o apelo das aventuras marítimas tornou-se cada vez mais intenso.

Estamos numa época de grandes transformações em Portugal e no mundo, em que os “Magalhães” tiveram um papel significativo, seja por terras de África, seja no longínquo Oriente, seja no extremo sul do continente americano ou no imenso Oceano Pacífico.

Entre estas figuras, agigantou-se Fernão de Magalhães, o mais egrégio da estirpe, que deixou uma marca indelével na História da Humanidade.



O PERCURSO HEROICO DO NAVEGADOR QUE ABRAÇOU O MUNDO



O nascimento de Fernão de Magalhães

Fernão de Magalhães nasceu por volta de 1480, talvez um pouco antes.

Continuam por esclarecer, em definitivo, a origem e os primeiros anos de vida daquele que viria a ser uma das figuras mais influentes do segundo milénio.

Tudo indica que Fernão, o navegador – sim, porque, na segunda metade do século XV, são vários os Fernão na família dos Magalhães –, foi primo dos Senhores da Terra da Nóbrega. Ele próprio se intitula da “muy noble e antigua Casa de los Señores de la Nóbrega”.

Em relação à localidade de nascimento, trata-se de uma questão em aberto, mas, entre as mais referidas, há três que se destacam: **Sabrosa, em Trás-os-Montes, Porto e Ponte da Barca, no Alto Minho.**

Efígie de Fernão de Magalhães
no Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa.



Fonte: Wikimedia Commons

A hipótese de Sabrosa está posta de lado, porque se fundamenta em documentos falsos. Quanto ao Porto, a tese baseia-se, entre outros testemunhos, nos termos de um contrato celebrado em 1518, em que Magalhães se declara *vizinho* do Porto.

Acontece que, segundo Amândio Barros, “palavras como *vizinho, cidadão, morador*, exprimem uma condição num dado momento e em diversas circunstâncias e não traduzem obrigatoriamente o conceito de naturalidade” (Barros, 2009, p. 27).

Avelino da Costa chama ainda a atenção para o facto de Magalhães, no seu testamento feito a 24 de agosto de 1519, se ter declarado “‘vezinho’ que soy desta muy noble e muy leal cibdade de Sevylla”. Ora, conclui, “não podia ser natural do Porto e de Sevilha” (Costa, 1941).

Monumento a Fernão de
Magalhães, em Sabrosa.



Portuguese_eyes / Vítor Oliveira Fonte: Flickr.com

A favor da provável origem de Magalhães na Terra na Nóbrega, surgem várias situações que ilustram as fortes relações que sempre manteve com Ponte da Barca, apesar de ainda muito novo já o encontrarmos em Lisboa.



Monumento a Fernão de Magalhães, em Ponte da Barca.

Em julho de 1518, a pedido de Magalhães, Carlos I escreveu a D. Manuel I, a interceder por Simão e por Francisco de Magalhães, filhos do 2.º donatário da Terra da Nóbrega, que se tinham refugiado em Castela, por terem sido acusados injustamente de assassinar um juiz da Ponte da Barca.

Poucos anos antes, o navegador requereu para o almoxarifado de Ponte de Lima – e não do Porto – a resolução de um negócio da altura em que estivera no Oriente.

Há ainda um requerimento, de 1567, de Lourenço de Magalhães ao Conselho das Índias de Castela, reclamando a herança do navegador. Entre outros documentos, faculta várias inquirições realizadas apenas em Ponte da Barca, Ponte de Lima e Braga.

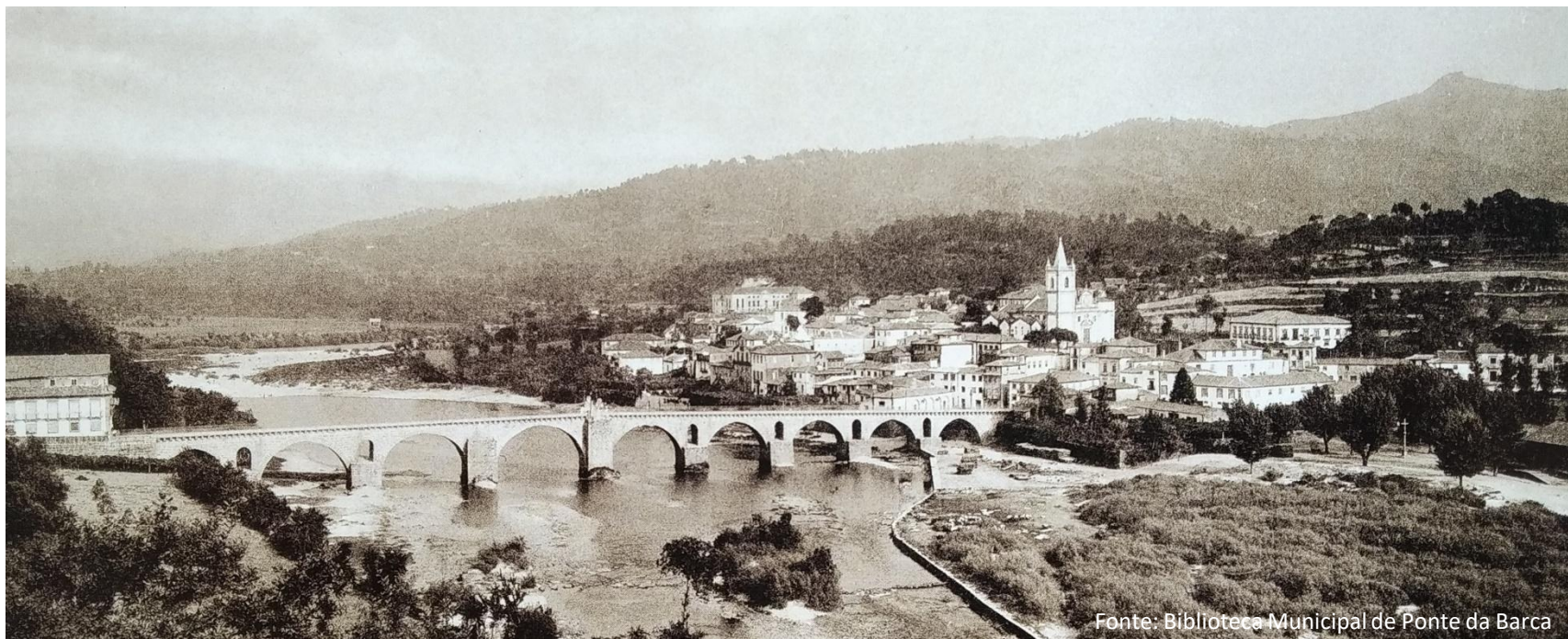
Daí que se considere a naturalidade minhota de Magalhães e, em concreto, a sua provável origem barquense.



“Se o seu nascimento na Terra da Nóbrega não é certo, é, todavia, provável. E é absolutamente certo que ele pertencia à família dos Magalhães, Senhores da Terra da Nóbrega, e que manteve amistosas relações com esta família, mesmo depois de já estar fora de Portugal ao serviço de Espanha.”

Avelino da Costa, 1998, p. 153-154

Nesta linha de pensamento de Avelino da Costa estão outros historiadores, tais como António Baião, Queirós Veloso, Veríssimo Serrão e, mais recentemente, Amândio Barros.



“Terra da Nóbrega, Ribeira do Lima, sob as tuas uveiras frondosas se acoitou por certo o herói Fernão de Magalhães, ou sob as tuas carvalheiras gigantescas e umbrosas.

Sem par é o verde que atapeta as tuas montanhas, como sem par é o azul do céu que elas recortam. A mesma brisa fagueira, coada pelos teus pinhais, que veio a afinar a lira soidosa de Bernardes, retemperou a fibra de aço do primeiro circum-navegador do globo. Dos teus blocos de granito foi talhado por perito alvenel a sua rijeza de ânimo e o seu carácter inquebrantável...”.

António Baião, na sua intervenção na Academia de Ciências de Lisboa, na sessão solene de 27 de abril de 1921, para comemorar o IV centenário da morte do navegador.



Em Lisboa...

Oriundo da baixa nobreza, Magalhães entrou, por volta de 1492, como pajem ao serviço da rainha D. Leonor. Na corte, discutia-se a sucessão, face à morte do filho único dos monarcas, e havia duas facções: de um lado, o rei, que defendia D. Jorge, seu filho bastardo; do outro, a rainha, que entendia que o sucessor devia ser D. Manuel, seu irmão.

É neste período que Magalhães recebeu uma esmerada educação humanista e teve os primeiros contactos com o futuro rei D. Manuel I, que, à época, estava encarregado da supervisão dos pajens. E talvez venha destes tempos a antipatia que, segundo João de Barros, o rei tinha por Fernão de Magalhães.

No ambiente fervilhante dos Descobrimentos, profundamente competitivo, mas também inspirador, contactou com navegadores, cartógrafos, astrónomos, forjou o seu carácter e alimentou a centelha que o haveria de iluminar, ao longo da vida.



Fonte: Wikimedia Commons

A mais antiga representação de Lisboa (1500–1510)
da *Crónica de Dom Afonso Henriques*, por Duarte Galvão.

Pelo Oriente (1505-1513)

Em 1505, já cavaleiro da Casa Real, decidiu participar na constituição do Estado da Índia. A 25 de março, partiu para o Oriente, na armada de D. Francisco de Almeida. Com ele foi também o amigo Francisco Serrão, figura importante na concretização da futura viagem às Ilhas das Especiarias.

Passaram ao largo da Ilha de Moçambique e atracaram em Quíloa e em Mombaça, na costa africana do Índico. A tomada de Mombaça, em agosto desse ano, foi o primeiro feito de armas com uma brutalidade desmedida em que o jovem soldado participou.

"Mombaza" (Braun e Hogenberg,
Civitates Orbis Terrarum, 1572).



Forte Jesus de Mombaça, Quénia.



No dia de Todos-os-Santos de 1505, chegaram Cochim, à época capital da Índia portuguesa.

Os próximos anos seriam vividos pela costa oriental de África e por terras da Índia e de Malaca.

Participou na famosa batalha naval de Diu (1509), que decidiu o domínio português no Índico, na reconquista de Goa (1510), integrando o próprio Conselho de Capitães de Afonso de Albuquerque que tomou esta decisão, e nas impressionantes expedições à cosmopolita cidade de Malaca, em 1509, nos finais do vice-reinado de D. Francisco de Almeida, e em 1511, já sob a liderança vitoriosa do novo governador, Afonso de Albuquerque.

Conquista de Malaca, por Ernesto Condeixa, 1903.



Fonte: Wikimedia Commons

Em finais de 1511, Magalhães e Serrão deixaram Malaca na primeira armada às Ilhas das Especiarias, comandada por António de Abreu. Em 1512, descobriram as Molucas do Sul, afirmando-se como os primeiros europeus a chegar ao Pacífico, ainda que, na altura, não tivessem tomado consciência de que já navegavam outro oceano.

Serrão por lá ficará, protagonizando aventuras e sucesso junto do sultão da Ilha de Ternate. E, nos anos seguintes, vai trocar correspondência com o amigo, alimentando-lhe o desejo de voltar às Molucas, projeto que realizará ao serviço de Castela.

Vista de Ternate para Tidore.



Fonte: Wikimedia Commons (Jack Lockwood)

Rota que António de Abreu, Magalhães e Francisco Serrão seguiram após a conquista de Malaca, em 1511.



Fonte: seguindopassoshistoria.blogspot.com

Em meados de 1513, Fernão de Magalhães já se encontrava em Lisboa, trazendo consigo o escravo Henrique, que adquirira em Malaca.

Embarcara cheio de sonhos e, passados oito anos, regressou numa situação financeira difícil. Mas com uma vasta experiência de navegador e de combatente, com um conhecimento notável da Ásia e com um prestígio de capitão que há muito fizera esquecer o soldado anónimo que partira na armada de D. Francisco de Almeida.



Entre Lisboa e Azamor (1513-1517)

De novo em Lisboa, alistou-se na expedição a Azamor. Em agosto de 1513, partiu para o Norte de África, onde foi ferido, ficando a coxear para o resto da vida, para além de ter perdido em combate o cavalo, que ele próprio comprara.

A nomeação para o posto de quadrilheiro-mor ter-lhe-á trazido algum desafogo, mas desencadeou também invejas, de tal modo que acabou por ser vítima da acusação de negócios desonestos. Seria oficialmente ilibado.





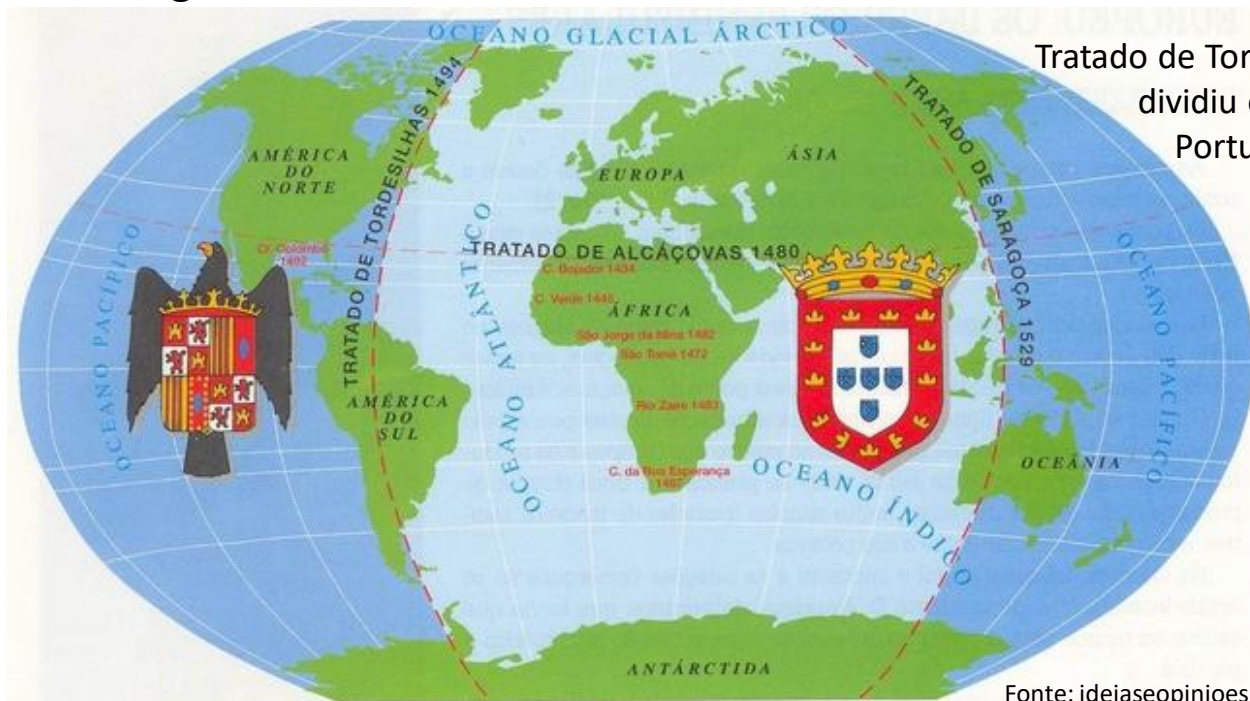
D. Manuel recusou-lhe um aumento da moradia ou ordenado de fidalgo da Casa Real, assim como o comando de uma frota para ir às Molucas pelo Índico, ao encontro de Francisco Serrão.

“Fernão de Magalhães, sem dúvida já preparado para as consequências, perguntou então ao rei se podia procurar outro lado onde os seus serviços fossem mais bem reconhecidos, ao que o soberano respondeu, agastado, que fosse para onde quisesse. Finalmente, num derradeiro gesto de cortesia fidalga, Magalhães pediu para beijar a mão do seu monarca, o que lhe foi negado. A humilhação de Magalhães foi, aparentemente, total” (Villas-Boas, 1998, p. 289).

“Este episódio deve merecer outra interpretação: aqui do que se trata é, no fundo, da expressão de descontentamento de um grupo posto de parte” por D. Manuel, “homens conotados com o anterior reinado e, portanto, vulneráveis às acusações e intrigas dos novos homens de ‘estado’ que circundavam ao redor do novo monarca” (Barros, 2015, p. 86). Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Afonso de Albuquerque foram também vítimas desta atitude do rei *Venturoso* (cf. Barros, 2009, pp. 59-61).

Considerando-se “despedido”, partiu à procura de quem valorizasse os seus vastos conhecimentos: o país vizinho foi o destino óbvio. Continuou apostado em chegar às Ilhas de Maluco ou Molucas, mas agora por uma nova rota, dando continuidade a algumas tentativas infrutíferas levadas a cabo nos últimos anos, nomeadamente por João Dias de Solis, navegador português ao serviço de Fernando, *O Católico*.

Magalhães desejava, através da última grande viagem de exploração, encontrar a passagem entre os dois oceanos e alcançar a glória suprema de concluir o trabalho iniciado por Cristóvão Colombo – chegar ao Oriente por Ocidente – e de encerrar a epopeia de Vasco da Gama, navegando, agora, para oeste e contornando também um continente, até chegar ao Oriente.

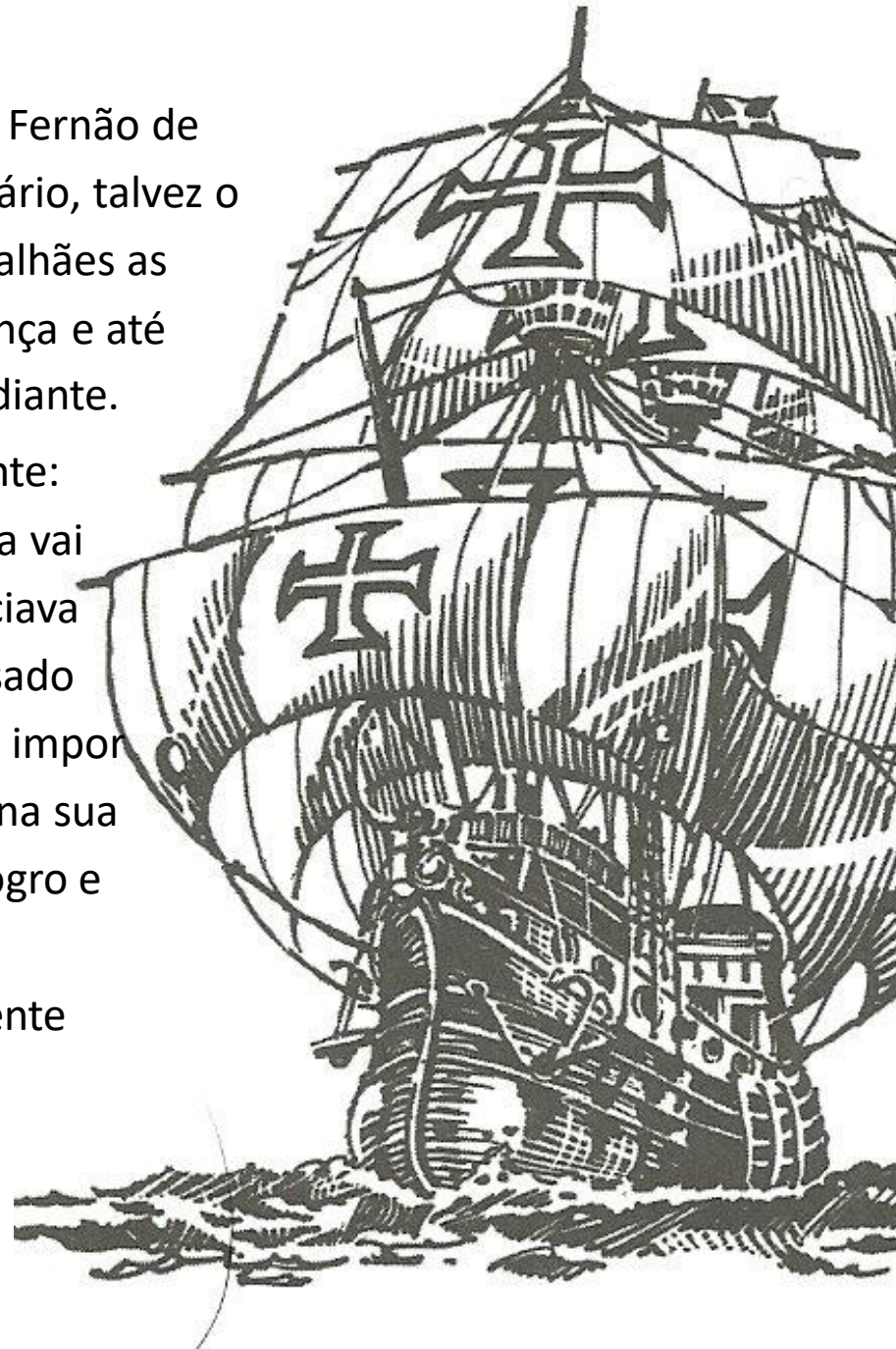


Tratado de Tordesilhas (1494)
dividiu o mundo entre
Portugal e Espanha.

“A pessoa que propunha este projeto não era o Fernão de Magalhães que se conhecia. Algo de extraordinário, talvez o desprezo de D. Manuel, terá acordado em Magalhães as reservas de arrojo, visão, habilidade, perseverança e até diplomacia, que o caracterizarão de agora em diante.

O contraste com a sua atitude passada é flagrante: onde antes se contentava na obscuridade, agora vai procurar ribalta; onde anteriormente se distanciava dos grandes, agora vai cultivá-los; onde no passado seguia o destino traçado pelos outros, agora irá impor aos outros um destino firmemente desenhado na sua mente; onde, no passado, se habituara ao malogro e ao infortúnio, agora assume o triunfo. Foi, na realidade, uma nova personagem que calmamente projetou a maior viagem de descobrimento e exploração até então imaginada.”

Manuel Villas-Boas, 1998, pp. 295-296



1517 e a chegada a Sevilha

Depois de várias movimentações, Magalhães, em outubro de 1517, instalou-se em Sevilha, o grande centro da preparação das navegações espanholas.

Na cidade do Guadalquivir, contactou com Diogo Barbosa – seu futuro sogro – e, por seu intermédio, chegou a Juan de Aranda, feitor da *Casa de la Contratación de Indias*, que o recomendou ao bispo de Burgos, responsável pelo *Consejo Supremo de Indias* e figura muito influente na corte.

Estavam reunidas as condições para apresentar à coroa espanhola o projeto, entretanto robustecido cientificamente com o contributo dos irmãos Faleiro.

Sevilha no século XVI, por Alonso Sánchez Coello.

Fonte: wikiwand.com



Também no início do outono de 1517, o novo rei, Carlos I, chegou a Espanha vindo da Flandres e instalou-se em Valhadolide. Foi para aí que Fernão de Magalhães também viajou, em janeiro de 1518, acompanhado dos irmãos Faleiro e de Juan de Aranda.

Nesta cidade, as diligências do feitor da *Casa de la Contratación de Indias* reuniram um conjunto de importantes apoios de figuras da corte e de conselheiros do rei e abriram-lhes as portas para uma reunião com o soberano, meticulosamente preparada.

As ambições (e frustrações...) do país vizinho quanto ao Oriente, nomeadamente em relação à rota por ocidente, à posse das Molucas e à convicção de que estas míticas ilhas se situariam no lado espanhol do mundo, ajudarão a alcançar o tão desejado apoio.





Fonte: geneall.net

O contrato foi assinado a 22/03/1518, com uma ordem: que nada fizessem na “demarcação e limites do sereníssimo rei de Portugal”.

Magalhães e Faleiro apresentaram o projeto a Carlos I (futuro imperador Carlos V), que ficou maravilhado com os mapas, um globo e ainda uma carta que Serrão enviara das Molucas.

A expectativa da descoberta da passagem para o Mar do Sul e o sonho do estabelecimento de uma rede comercial com as Ilhas das Especiarias e o Oriente em geral deixaram o monarca encantado.

A dimensão do projeto magalhânico e os contornos céleres da negociação com Carlos I chegaram, entretanto, ao conhecimento do rei de Portugal que, apreensivo, tentou demover Magalhães e boicotar o empreendimento. Houve até conselheiros que defenderam a morte do navegador.

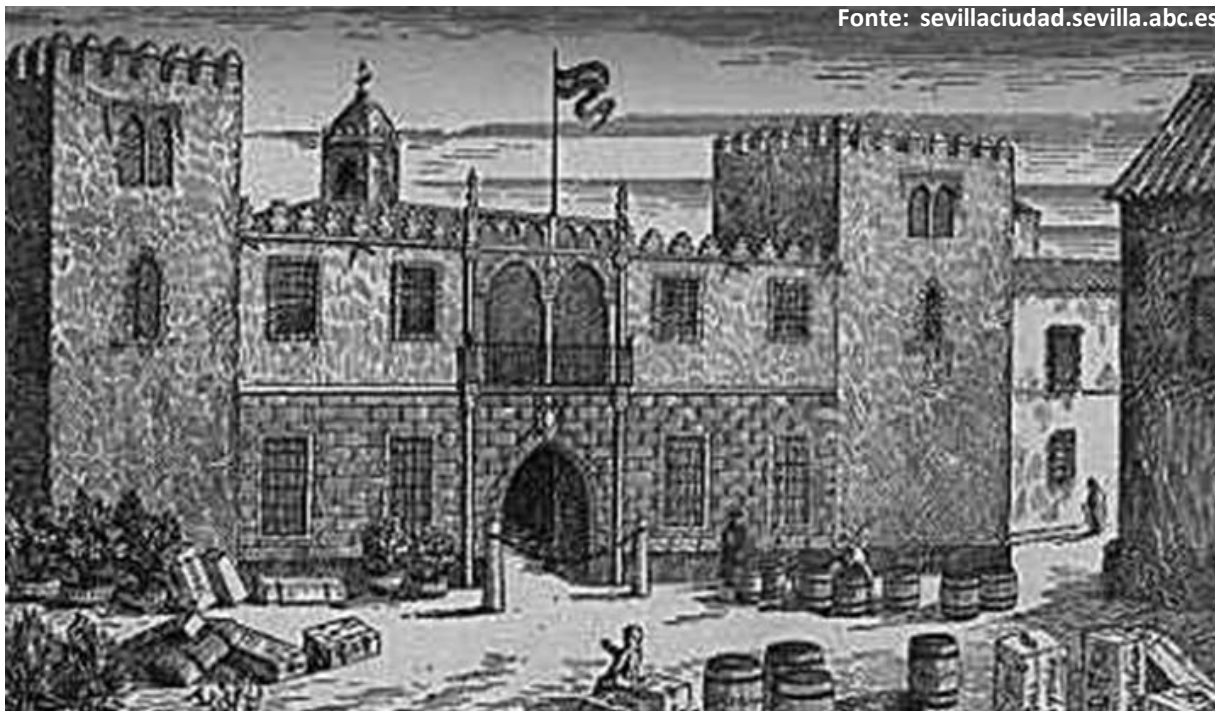
Mas Carlos I decidiu mesmo elevar Magalhães e Faleiro à condição de comendadores da Ordem de Santiago, a mais importante ordem de cavalaria castelhana.

Em agosto de 1518, Magalhães e Faleiro regressaram a Sevilha. Por esta altura, já Magalhães tinha casado com Beatriz Barbosa e estava prestes a ser pai. Ainda antes de se fazer ao mar, em setembro de 1519, a esposa engravidará de novo.

Para além do sogro, do seu círculo faziam parte Juan de Aranda e D. Sancho de Matienzo, tesoureiro da *Casa de la Contratación*. Todos ajudaram na preparação da “Armada das Molucas” ou “Armada da Especiaria”, no recrutamento da tripulação e na provisão de armas, equipamentos e víveres. Faleiro ocupou-se das cartas geográficas e de outros aspetos científicos. Cinco navios foram comprados, reparados e equipados para a longa viagem. Entretanto, diversos incidentes, instigados por agentes portugueses, causaram turbulência ao andamento do projeto.



Mas as dificuldades não se ficaram por aqui. Juan de Recalde, que era o novo contador da *Casa de la Contratación*, não se cansou de levantar problemas. Aranda foi demitido do seu posto na *Casa*, o mesmo acontecendo a Rui Faleiro, suspeito de loucura. Pela mesma altura, Juan de Cartagena, familiar do poderoso bispo de Burgos, foi nomeado vedor-geral da armada e comandante de uma das naus e *conjuncta persona*, isto é, substituto de Magalhães em caso de impossibilidade ou de morte deste. Para capitanear mais duas naus foram nomeados fidalgos espanhóis, situação que não foi bem recebida por Magalhães, porque manifestava uma intenção de controlar o comandante da expedição e os Portugueses em geral que se iam alistando. Estava instalado um ambiente de intriga e de desconfiança. A que se somaram problemas no recrutamento para uma viagem pouco atrativa, porque longa, incerta, cheia de perigos.



A armada faz-se ao largo....

**“Olha cá pelos mares do Oriente
Às infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca à terra e só mortas aparecem.”**

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, X, 132

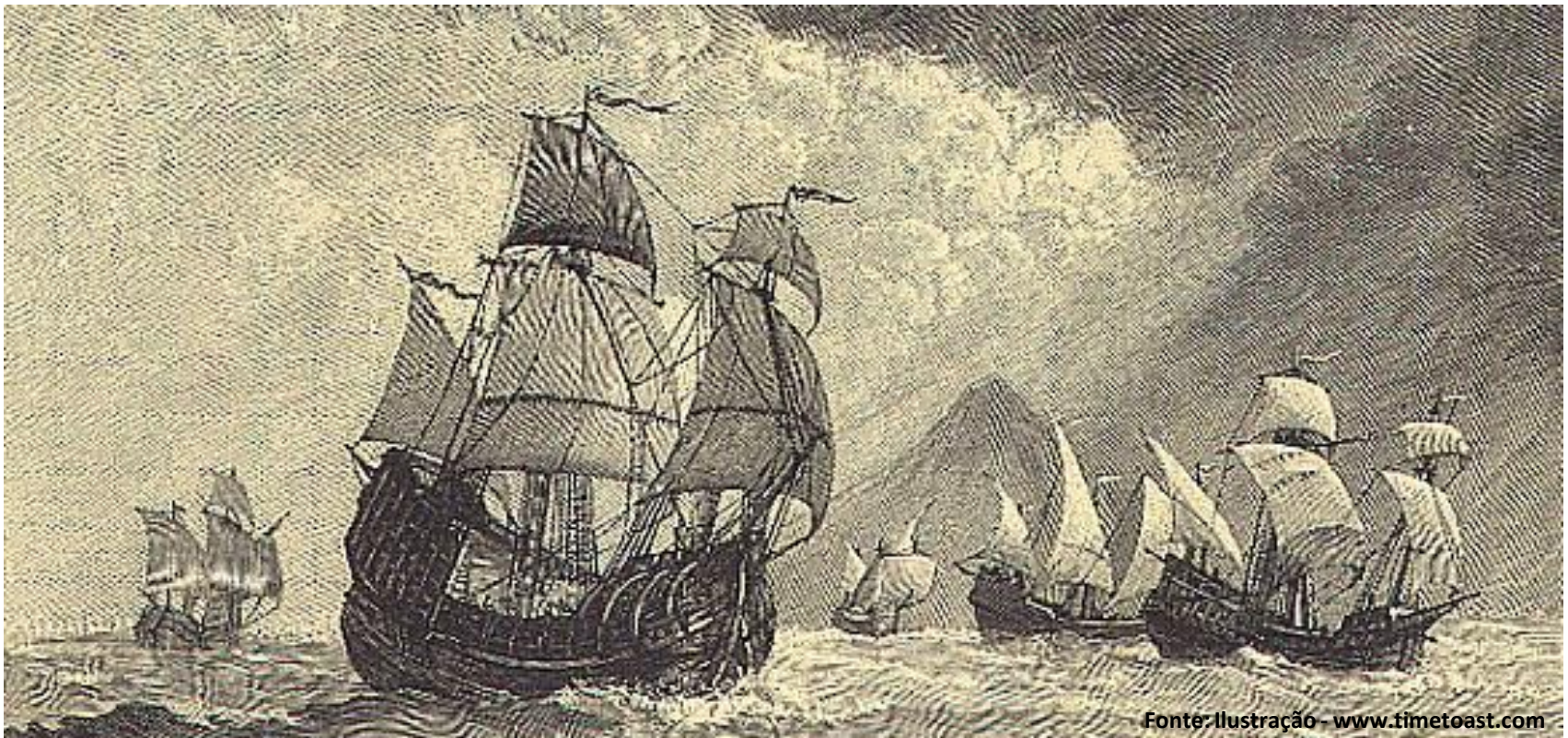
Apesar das dificuldades levantadas por Recalde, por Cartagena e pelos representantes de Portugal em Sevilha, a Armada das Molucas largou da cidade, a 10 de agosto de 1519, em direção à foz do Guadalquivir, em Sanlúcar de Barrameda. Ultimados aqui os preparativos, fez-se ao mar a 20 de setembro. Iniciava-se uma das mais longas e arrojadas viagens marítimas de todos os tempos.



Magalhães partiu com uma frota em que alguns elementos-chave da tripulação lhe eram claramente hostis.

Por imposição da *Casa de la Contratación* e da corte, à exceção da nau-capitânia (“Trinidad”), todas as restantes quatro eram capitaneadas por Espanhóis: Juan de Cartagena estava na “San Antonio”, Gaspar de Quesada era o capitão da “Concepción”, Luis de Mendoza tinha a seu cargo a “Victoria” e Juan Serrano liderava a “Santiago”.

Segundo Pigafetta, a bordo iam 237 homens de diversas origens: Portugueses, Gregos, Venezianos, Genoveses, Franceses, Flamengos, Alemães, Irlandeses, entre outros. Mas os Espanhóis – Castelhanos, Galegos, Bascos, Aragoneses... – estavam em maioria.



Fizeram escala nas Canárias e avançaram para sul, por uma rota pouco utilizada, com o objetivo de iludir perseguições e evitar confrontos com os Portugueses. Passaram entre a costa africana e as Ilhas de Cabo Verde e só então infletiram para sudoeste, entrando numa zona de tempestades e calmarias.

A contestação de Cartagena não se fez esperar e Magalhães mostrou a sua autoridade. O revoltoso foi preso e entregue à guarda de Mendoza, capitão da “Victoria”, passando o comando da “San Antonio” para as mãos de Antonio de Coca, um espanhol que a coroa tinha nomeado contador da armada.

A 13 de dezembro de 1519, atracaram na Baía de Santa Luzia (Guanabara, no Rio de Janeiro, Brasil). Aí, as conspirações dos capitães continuaram. Coca foi demitido e para o seu lugar Magalhães nomeou o seu primo, Álvaro de Mesquita.

A chegada de Fernão de Magalhães à Baía de Santa Luzia (Torre do Tombo).

Em dezembro de 1519, a expedição de Magalhães descansou nesta região durante duas semanas.



Fonte: antb.dglab.gov.pt



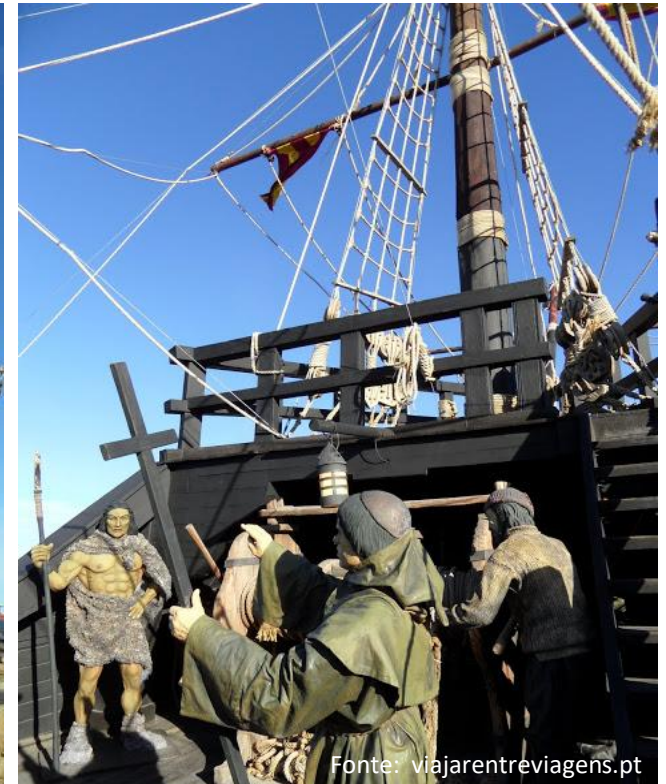
Fonte: seguindopassoshistoria.blogspot.com (Rick Ipanema)

Retomaram a viagem a 27 de dezembro.

Uma tempestade atormentou-os e no meio da agitação avistaram ao longe um morro com forma de chapéu, exclamando “Monte Vidi”. Mais tarde, ali será erguida uma povoação que estará na origem da capital do Uruguai, Montevideú.

Explorado o estuário do rio da Prata, conheceram dificuldades acrescidas. Fustigados por tempestades e por um clima cada vez mais gélido e violento, encontraram, finalmente, um abrigo seguro num local a que deram o nome de Baía de São Julião. Era o dia 31 de março de 1520. E por ali ficaram uns cinco meses a reparar as embarcações e as forças. E à espera que o inverno passasse...

Réplica da “Victoria” construída em Puerto de San Julián, na Argentina.



Após seis meses de viagem, os capitães Mendoza e Quesada sentiam-se frustrados e Cartagena há muito que vivia uma humilhação. Estava criado o ambiente para o que viria a acontecer... Acompanhados de Sebastián Elcano, mestre da “Concepción”, resolveram conspirar contra Magalhães.



Fonte: STEFANO BIANCHETTI/CORBIS VIA GETTY IMAGES

Ilustração em que se vê a tripulação de Magalhães a jurar obediência defronte da cruz, após o fracasso do motim.

O motim aconteceu na noite de 1 de abril, domingo de Páscoa. Quando Magalhães se apercebeu, uma vez garantido o apoio de Serrano, capitão da “Santiago”, pôs em marcha uma estratégia hábil e implacável, para recuperar o controlo das três embarcações rebeldes e fazer valer a sua autoridade.

O golpe fracassou e os conspiradores – umas quatro dezenas – foram julgados: Quesada foi decapitado e o seu corpo esquartejado, assim como o cadáver de Mendoza. Cartagena e um sacerdote envolvido foram abandonados naquelas terras. E os restantes implicados – homens de armas e marinheiros – condenados a trabalhos forçados.

Durante esta paragem prolongada, houve um outro dissabor profundo.

Magalhães organizou uma exploração da costa a sul da baía onde se encontravam.

Sob o comando de Juan Serrano, a “Santiago” cumpriu a missão e entrou num grande estuário a que chamaram de Santa Cruz.

A embarcação acabaria por naufragar, a 3 de maio de 1520, mas os tripulantes conseguiram salvar-se.

Com um esforço heroico, vencendo a fome e o frio, dois dos náufragos vieram por terra até São Julião pedir socorro, tendo sido resgatados para junto dos seus companheiros.

Foi também durante esta paragem que comunicaram com os nativos de estatura gigante, pés enormes, a que Magalhães chamou “Patagónios” ou “Patagões”. Estavam naquela que viria a chamar-se a região da Patagónia, bem lá no sul do continente americano.



Fonte: joaomorgado.net

Ilustração colorida com base no desenho
“Patagonians” de Pernetty, London, 1771.

A 24 de agosto de 1520, a armada partiu de São Julião para o fértil estuário de Santa Cruz, onde se abasteceram.

Ao comando das naus estavam agora homens de confiança de Magalhães: o seu primo Álvaro de Mesquita continuava na “San Antonio”, Duarte Barbosa era o novo capitão da “Victoria” e Serrano passou a comandar a “Concepción”, perdida que fora a “Santiago”.

A viagem foi retomada a 18 de outubro, aproveitando as condições da primavera. Chegados a um cabo que chamaram das Onze Mil Virgens, continuaram as explorações.

Reunidos para decidir se deviam prosseguir, Estêvão Gomes foi o único que defendeu o regresso a Espanha. O experiente piloto português, que mantinha uma relação difícil com Magalhães, ficou, no entanto, isolado e a armada avançou. Mesmo assim, ele fez valer a sua ideia. Na solidão daquelas paragens gélidas e assustadoras, tomou o controlo da “San Antonio” e desertou!

Chegaria a Sevilha a 6 de maio de 1521, com 55 homens.



A Armada das Molucas era, agora, constituída por apenas três naus. A exploração continuou por aquelas paragens labirínticas. Avistaram a Ilha Desolación e o cenário da paisagem contrastava com o horizonte largo que a rota lhes abria.

Tinham chegado ao que designaram de Cabo Desejado. Tinham conseguido uma passagem. Tinham entrado no mar aberto, navegavam num novo oceano.

A epopeia da exploração dos cerca de 600 km prolongara-se ao longo de novembro de 1520 e, por isso, Magalhães chamou-lhe “Canal de Todos-os-Santos”. Pouco depois, os cartógrafos tratariam de o designar “Estreito de Magalhães”, nome que ficará para a posteridade.



As condições náuticas eram agora favoráveis. O mar estava calmo e, por isso, Magalhães chamou-lhe “Pacífico”, nome que substituiria o de Mar do Sul, que Balboa lhe dera, quando o avistara, uns anos antes, no Panamá.

A frota avançou ao longo da costa, “para lá do fim do mundo”, numa região que, mais tarde, se chamará “Magallanes e Antártica Chilena”.

Apesar da escassez de víveres, fizeram-se ao largo, navegando para oeste. Magalhães estava confiante de que encontrariam ilhas para reabastecer.

Puro engano! Esperou-os uma genial travessia desse oceano imenso. Foram mais de três meses sem avistar terra firme, situação que se revelou fatal para vários homens, vítimas da fome, da sede, do escorbuto, do desânimo. Nem a serradura das madeiras misturada ao esfarelado dos biscoitos, aos ratos e ao couro das amarras lhes valeu grande coisa...



Mapa do *Maris Pacifici* de Ortelius, 1589. Na época ainda se desconhecia a verdadeira extensão e limites do Pacífico. A embarcação em destaque é a nau “Victoria”, o primeiro navio da expedição de Magalhães que entrou no Oceano Pacífico.

Quase no limiar da exaustão, só a 6 de março de 1521 é que chegaram às ilhas que hoje se chamam Marianas. Aportaram em Guam.

Conseguidos alguns víveres, retomaram a viagem e, a 16 de março, avistaram um grupo de ilhas a que deram o nome de São Lázaro. Era o arquipélago que, poucos anos depois, passaria a designar-se por Filipinas – em honra do príncipe Filipe – e desembarcaram em Homonhon.

Os cálculos de Andrés de San Martín sobre a longitude reforçaram, entretanto, a ideia de que as Molucas já estavam dentro da área portuguesa.

Magalhães sentiu um aperto dramático na alma...

A solução era aprofundar contactos com os nativos, para assinalar a posse sobre aquelas terras e lançar os alicerces da estratégia imperial espanhola naquelas paragens.



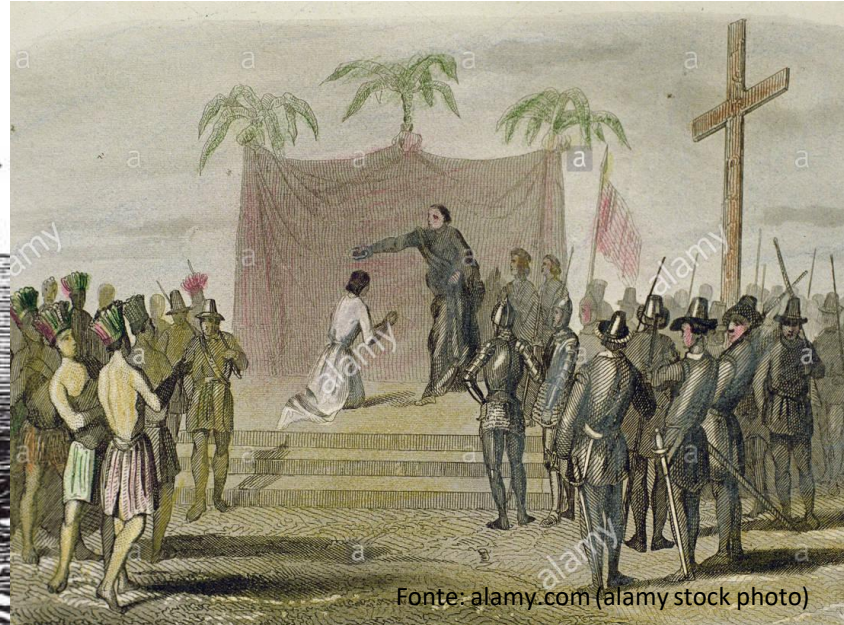
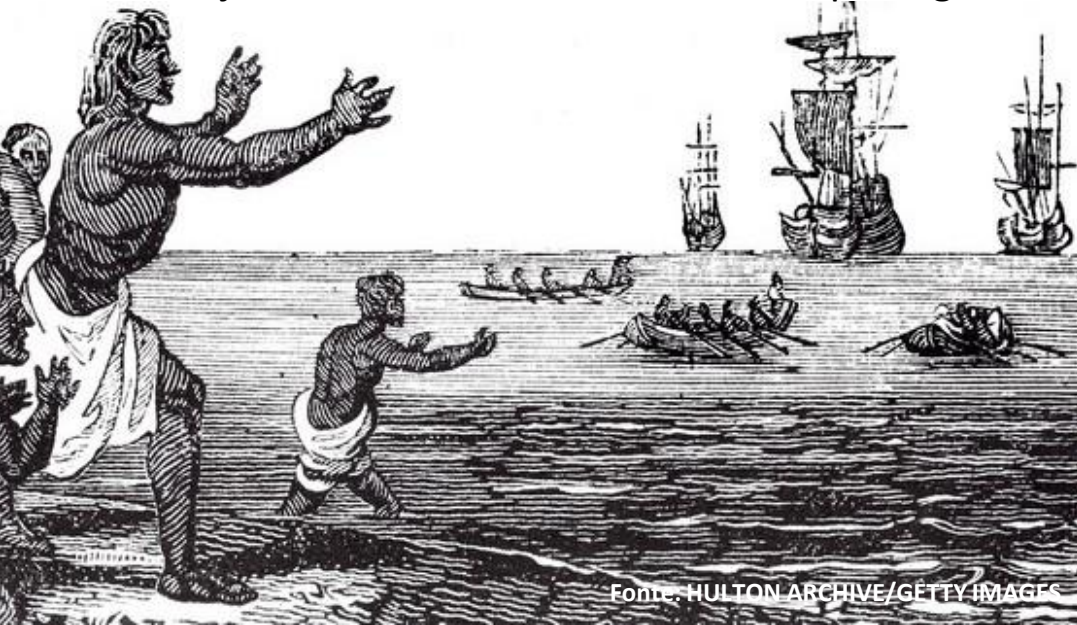
Representação alegórica da celebração da primeira viagem de circum-navegação, na qual se observa Fernão de Magalhães, sentado no convés da nau.

Gravura de Jan van der Straet (1523-1605) para “A Descoberta da América”.

A 28 de março, aportaram naquela que hoje se chama Ilha Limasawa e estabeleceram relações com o rajá Colambu. Trataram, então, de afirmar a superioridade da sua religião e de ostentar a sua capacidade bélica. Colambu prontificou-se a conduzir a armada à vizinha Ilha de Cebu, grande centro comercial da região.

A sete de abril, chegaram à principal povoação de Cebu, disparando tiros de artilharia. Deram-se os primeiros intercâmbios e o rajá Humabon e a família pediram para ser batizados, assim como centenas de nativos. Cebu abraçava o Cristianismo!

Magalhães vivia “uma fase mística e de criação de um protetorado espanhol”, demorando-se em tarefas “que não estavam contidas nas instruções dadas por Carlos V”. Seria talvez uma forma de “compensar a consciência do seu fracasso, pois não estaria já a acreditar no sucesso da sua missão de ir às Molucas” (Garcia, 2019, p. 222), por ter chegado à conclusão de que estas já se encontravam no hemisfério português.



Magalhães soube, entretanto, que Lapu-Lapu, chefe da vizinha Ilha de Mactan, se recusava a prestar vassalagem ao rei de Cebu, que já se declarara súbdito de Carlos V e se convertera. O capitão-geral mostrou-se determinado e, mais uma vez, esqueceu as instruções do imperador, desviando-se numa missão bélica que nada tinha a ver com a chegada às Molucas.

No dia 27 de abril de 1521, ignorou os apelos de Humabon e mobilizou um contingente de apenas uns 60 homens, desvalorizando as forças de Lapu-Lapu, que se calculou serem em número superior a mil e quinhentos.

Para além do excesso de confiança, recusou ainda o auxílio das forças aliadas de Humabon e escolheu um local inadequado para o desembarque, perdendo-se, assim, a proteção da retaguarda, com o poder de fogo da armada. Demasiados erros fatais!



Fernão de Magalhães caiu morto no areal da Ilha de Mactan.

Mesmo na hora suprema, mostrou-se igual a si próprio: determinado, valente, comandante, heroico.

A última imagem que os companheiros guardaram dele, combatendo ainda na praia, foi a de um líder a olhar para trás, para verificar se os seus homens já estavam a salvo, na retirada nos batéis.

Magalhães tombou a bater-se pelos seus:

“[...] Assim tiraram a vida ao nosso espelho, à nossa luz, ao nosso conforto, ao nosso verdadeiro guia.”

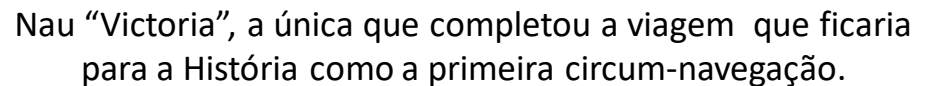
Antonio Pigafetta

Era o dia 27 de abril do ano da graça de 1521. Um sábado!

O banho de sangue ficaria completo no dia um de maio, com o massacre de Cebu.



A “Concepción” foi queimada por falta de tripulantes. As outras duas embarcações vaguearam, durante meses, ora negociando, ora pirateando. Apenas chegaram às vizinhas Ilhas das Especiarias em novembro de 1521.



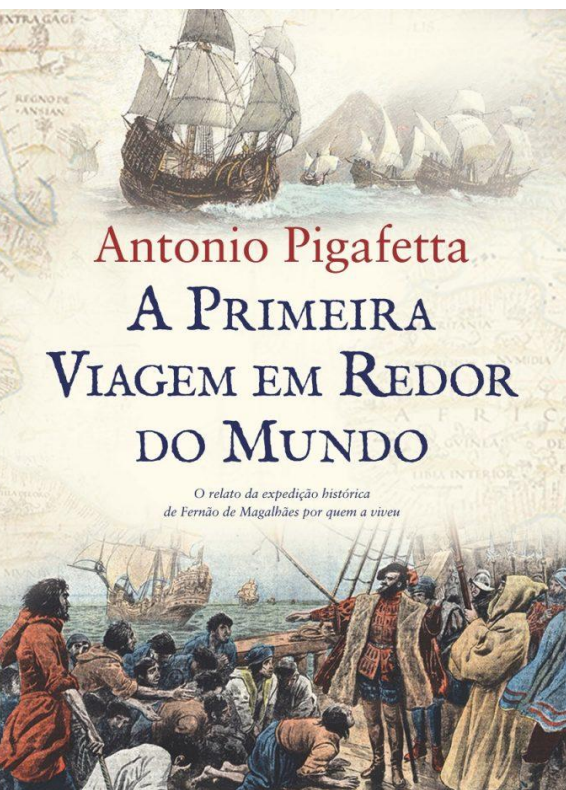
A “Victoria”, sob o comando de Juan Sebastián Elcano, um dos amotinados em São Julião, fez um regresso desesperado a Espanha pela rota portuguesa do Cabo da Boa Esperança, provando em navegação a esfericidade da Terra, que Pitágoras já tinha afirmado teoricamente, há dois mil anos.

Estava concluída a primeira volta ao mundo em continuidade, apesar de ter sido realizada contra as ordens de Carlos V, por se tratar de uma rota proibida a Castela.

Ao fim de três longos e heroicos anos, a “Victoria” chegou a Sevilha a 8 de setembro de 1522. Transportava um bom carregamento de especiarias das Molucas, nomeadamente cravinho, e apenas 18 homens europeus e três malaios.



Com esta chegada, Magalhães foi, em parte, reabilitado, face às mentiras e difamações que os desertores da “San Antonio” haviam espalhado. O navegador tinha dado novos mundos ao mundo e oferecido à Humanidade a verdadeira dimensão global do Planeta. Quem lhe valeu para que a grandeza dos seus feitos não caísse na bruma do esquecimento foram alguns tripulantes diaristas que sobreviveram, como Francisco Albo e, sobretudo, Antonio Lombardo, mais conhecido por Antonio Pigafetta. Foi ele quem redimiu o nome de Magalhães e preservou a memória de aventura tão épica, ao publicar *A Primeira Viagem em Redor do Mundo*. E ao dá-la a conhecer ao imperador Carlos V, ao papa Clemente VII, ao mundo...





FERNÃO DE MAGALHÃES

“Os grandes feitos heroicos da humanidade têm sempre algo de incompreensível, pois elevam-se muito acima da bitola terrestre da mediania, mas é sempre e só na realização do inverosímil que a humanidade consegue recuperar a crença em si mesma.”

Stefan Zweig - in Magalhães O Homem e o seu feito.

HERANÇA

Promoção do conhecimento,
do diálogo intercultural
e da sustentabilidade do planeta,
contribuindo para uma sociedade
mais justa, mais inclusiva
e com maior bem-estar.



Fonte: *FERNÃO DE MAGALHÃES – V Centenário da Circum-navegação*



- Aprofundamento do conhecimento
- Encontro / diálogo de culturas
- Sustentabilidade



MAGALHAES

- Cooperação
- Trabalho em equipa

- Resolução de problemas...

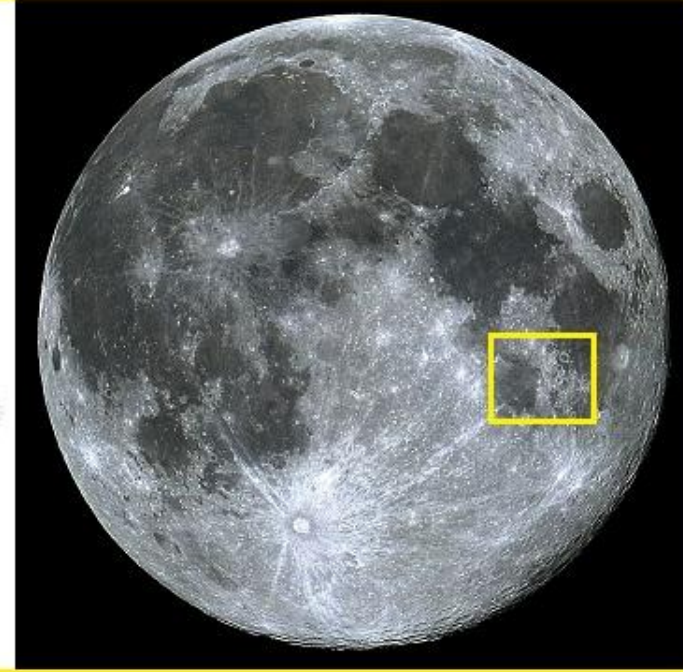


A galáxia conhecida como Via Láctea, na qual está localizado o Sistema Solar, navega pelo cosmos ao lado de duas nebulosas espirais menores denominadas **Nuvens de Magalhães**.

Ambas podem ser vistas a olho nu no hemisfério sul. Foram observadas por Fernão de Magalhães, em 1520. Daí estas nuvens serem batizadas com o seu sobrenome. São conhecidas como **Grande Nuvem de Magalhães** e **Pequena Nuvem de Magalhães**.

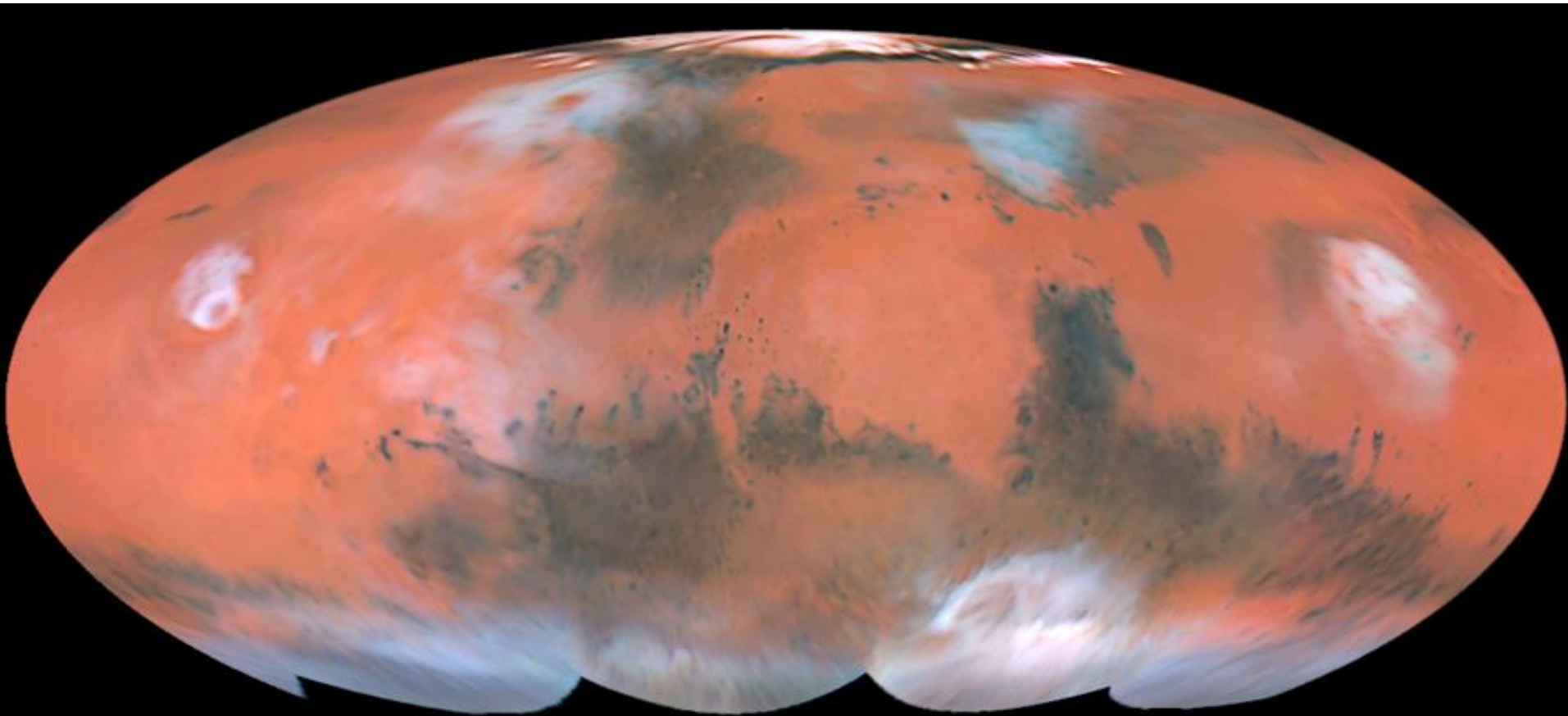


A **cratera lunar**
Magalhães foi nomeada
pela *International*
Astronomical Union (IAU)
em 1935, para imortalizar a
memória do grande
explorador e navegador
português, Fernão de
Magalhães.



A **cratera marciana Magalhães** tem uma dimensão considerável, com 105 km de diâmetro. É dedicada ao navegador e localiza-se nas terras altas (planaltos) da região sul de Marte.

Mapa de Marte, construído pela NASA.



Também o "pinguim-de-magalhães" recebeu este nome em sua homenagem, já que Fernão de Magalhães foi o primeiro europeu a ver um animal desta espécie.

Os pinguins vivem no hemisfério sul e apenas três das 18 espécies dependem do gelo ao longo de toda a sua vida. Um exemplo destes animais que não é muito fã dos ambientes gelados é o **pinguim-de-Magalhães**.





Fonte: itinerariodeviagem.com

O nome **“Patagônia”** vem da palavra *patagão* (pé grande) usada por Fernão de Magalhães em 1520 para descrever o povo nativo com quem a sua expedição contactou.

Acredita-se que os *patagones* seriam o *tehuelches*, que tinham uma altura média de 1,80 m, em comparação com os 1,55 m de média dos europeus da época.

O **Estreito de Magalhães** é um dos pontos naturais navegáveis mais importantes do mundo, ligando o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico.

Fica ao sul do Chile e acima da Terra do Fogo e da Antártida.

Foi nomeado após o primeiro homem ter navegado estas águas, Fernando de Magalhães, na sua famosa viagem.



Magalhães foi o primeiro a alcançar a **Terra do Fogo**. Em 1520, a expedição entrou no estreito e observou uma ilha donde saíam numerosas colunas de fumaça. Mais tarde, viram que os aborígenes faziam grandes fogueiras para se aquecerem.

O arquipélago é formado por uma ilha principal e uma infinidade de ilhas menores cobertas de neve, formando uma rede de canais, baías e golfos.



Fonte: salvador-nautico.blogspot.com

O navegador espanhol Vasco Nuñez de Balboa, descobridor do Pacífico, tinha-o batizado **Oceano ou Mar do Sul**. Mas, em 1520, o navegador português Fernão de Magalhães ficou impressionado com a tranquilidade das suas águas e chamou-lhe **Oceano Pacífico**.





Magallanes e Antártica Chilena (oficialmente, em castelhano, ***XII Región de Magallanes y de la Antártica Chilena***) é uma das dezasseis regiões do Chile. A capital é a cidade de Punta Arenas.



Universidad
de Magallanes

Magellan é uma sonda espacial da NASA.

Foi lançada a 4 de maio de 1989 na direção de Vénus, onde chegou a 10 de agosto de 1990.

O seu nome é em homenagem ao navegador português Fernão de Magalhães.



Fonte: Wikimedia Commons (NASA)

Excelência...



MAGELLAN
DEVELOPMENT GROUP LLC



Magellan
Partners



Magellan
HEALTHSM

Magellan
Consulting

Programa *e.escolinhas* levou o
computador Magalhães
a todos os alunos do 1.º ciclo.



Fonte: observador.pt

O projeto **O Douro à volta do Mundo – Magellan World** tem como objetivo a promoção de diferentes ações de internacionalização da economia e da identidade durienses.

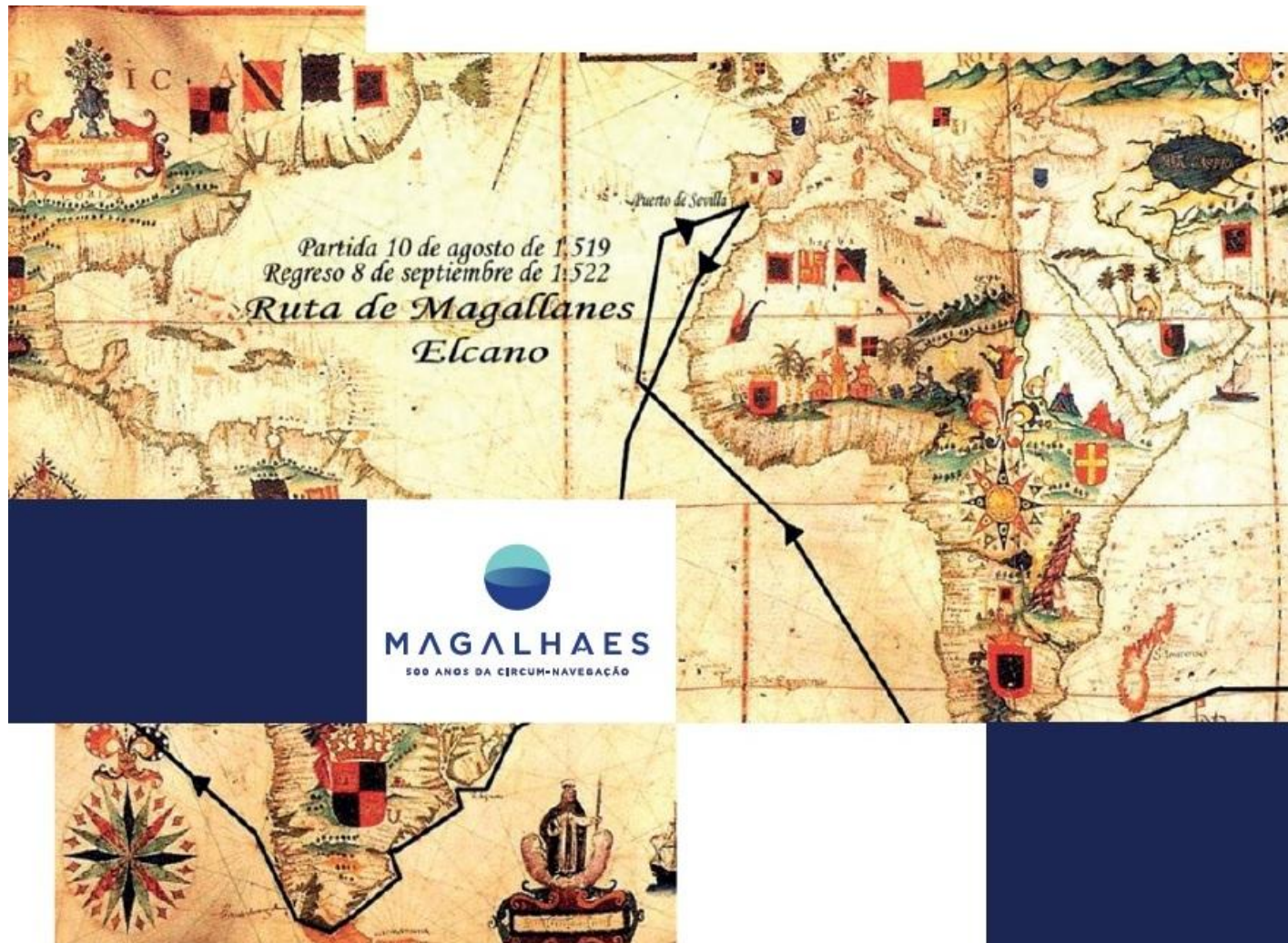
O Douro à volta do Mundo – Magellan World aproveitou a lógica da **Rede Mundial das Cidades Magalhânicas** e o espírito da portugalidade associado à epopeia das descobertas.



Centro Interpretativo do Património "Fernão de Magalhães" – Ponte da Barca



Fernão de Magalhães ousou chegar
às Ilhas Molucas, navegando para ocidente.
É o artífice heroico daquela que foi considerada a primeira viagem
de circum-navegação e o primeiro homem a dar a volta ao mundo.



Magalhães, Magallanes, Magellanus, Magellano, Magellan...

- Vanguarda
- Arrojo
- Persistência
- Excelência
- Espírito empreendedor
- Resiliência
- Globalização
- Encontro de culturas e de civilizações

FERNÃO DE MAGALHÃES

V CENTENÁRIO DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
COMANDADA PELO NAVEGADOR PORTUGUÊS
(2019-2022)

Um herói que uniu povos, abraçou o mundo

Um património da Humanidade



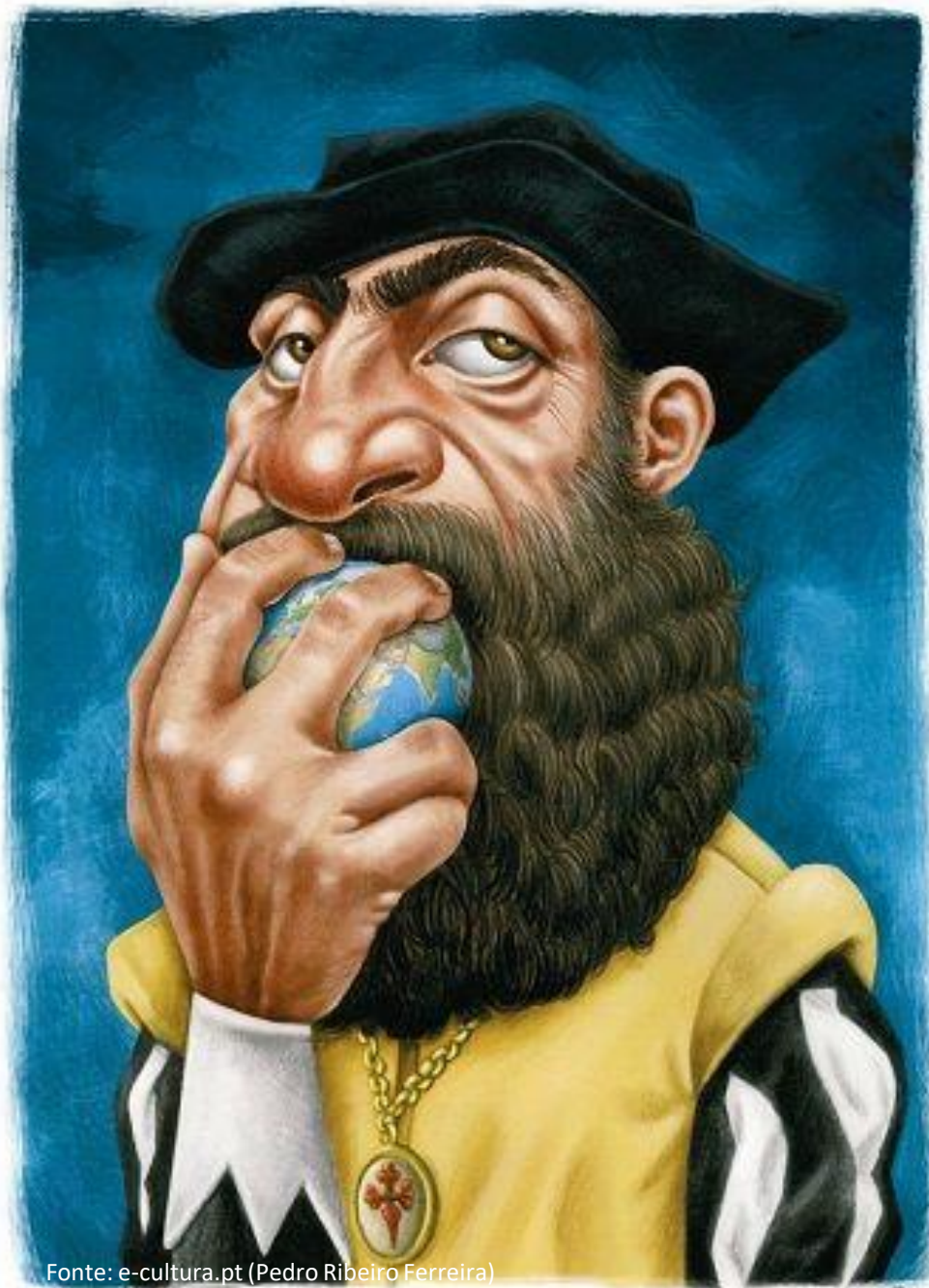
MAGALHAES

Bibliografia consultada

- ▶ AREZES, Luís, *Ponte da Barca: Lendas e Narrativas com História*, Ponte da Barca, Câmara Municipal de Ponte da Barca, 2004.
- ▶ AREZES, Luís, “A Terra da Nóbrega na viragem de Quinhentos”, em VÁRIOS, *500 anos dos Forais da Terra da Nóbrega e de Lindoso*, Ponte da Barca, Agrupamento de Escolas de Ponte da Barca e Município de Ponte da Barca, 2014, pp. 13-43.
- ▶ BAIÃO, António, “A questão da naturalidade de Fernão de Magalhães. Transmontano, não! Minhoto”, em *História e Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Nova Série, 2.ª Classe, tomo XIV, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.
- ▶ BARROS, Amândio Jorge Morais, *A naturalidade de Fernão de Magalhães revisitada*, Porto, Edições Afrontamento, 2009.
- ▶ BARROS, Amândio Jorge Morais, *O homem que navegou o mundo. Em busca das origens de Magalhães*, Braga, AL – Publicações, 2015.
- ▶ CADILHE, Gonçalo, *Nos Passos de Magalhães*, Lisboa, Clube do Autor, 2018.
- ▶ *FERNÃO DE MAGALHÃES - V Centenário da Circum-navegação Comandada pelo Navegador Português (2019-2022)*.
- ▶ COSTA, Avelino de Jesus da, “Naturalidade de Fernão de Magalhães – Respondendo à chamada”, em jornal *Diário do Minho*, 10 de junho de 1941.
- ▶ COSTA, Avelino de Jesus da, “Qual a naturalidade de Fernão de Magalhães?”, em jornal *Diário do Minho*, 06 de julho de 1941.
- ▶ COSTA, Avelino de Jesus da, *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca, I*, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998.
- ▶ GARCIA, José Manuel, *Fernão de Magalhães – Herói, traidor ou mito: a história do primeiro homem a abraçar o mundo*, Lisboa, Editorial Presença, 2019.
- ▶ LEITÃO, Henrique, “Magalhães, ou a expedição da longitude”, em ZWEIG, Stefan, *Fernão de Magalhães – A Biografia*, volume 1, Lisboa, Expresso, 2019, pp. 9-18.
- ▶ MORGADO, João, *Fernão de Magalhães e a ave-do-paraíso*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2019.
- ▶ SOVERAL, Manuel Abranches de, *Ensaio sobre a origem dos Magalhães*, Porto, 2007. Disponível em <http://www.soveral.info/mas/Magalhaes.pdf>, acedido em março de 2020.
- ▶ THOMAZ, Luís Filipe F. R., *O Drama de Magalhães e a Volta ao Mundo sem Querer. Seguido de Um Museu dos Descobrimentos: porque não?*, Lisboa, Gradiva Publicações, 2018.
- ▶ VILLAS-BOAS, Manuel, *Os Magalhães – Sete Séculos de Aventura*, Lisboa, Referência / Editorial Estampa, 1998.
- ▶ ZWEIG, Stefan, *Fernão de Magalhães – A Biografia*, volumes 1, 2 e 3, Lisboa, Expresso, 2019.

Ficha Técnica

- ▶ Título – *Fernão de Magalhães: Celebrando o V centenário da Viagem*
- ▶ Texto – Luís Arezes
luisarezes@sapo.pt
- ▶ Imagens – Disponíveis na *internet*
(a fonte está indicada no local próprio)
- ▶ *Design* gráfico e paginação – Luís Arezes
- ▶ Produção e edição – Luís Arezes
- ▶ Data – Abril de 2020
- ▶ Local – Ponte da Barca



Fonte: e-cultura.pt (Pedro Ribeiro Ferreira)



MAGALHÃES

500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO

Fernão de Magalhães

Cerca de 1480 | 27 de abril de 1521